



Claudia faz sucesso como repórter da FluTV, canal do Fluminense no YouTube | Foto: Arquivo pessoal

Claudia Magalhães: a paixão e a garra da mulher suburbana

Por Ana Flávia Rodrigues e Roberto Malfacini

De Olaria às Laranjeiras, a jornalista tricolor não desiste e vê o jornalismo e o futebol como agentes de transformação social

O chão de Olaria já foi palco de muitos sambas, carnavais e realizações de sonhos. É por esse lugar, no subúrbio do Rio de Janeiro, que Claudia Magalhães revela seu amor e seu orgulho. A mulher simples, que tem o jornalismo no coração desde os sete anos, hoje, trabalha para que outras meninas possam seguir o caminho que escolherem, sem terem gênero, raça e classe social como barreiras.

A estrada de Claudia no jornalismo começou em um dia muito especial para os torcedores do **Fluminense**, seu clube do coração: o Fla x Flu na final do Campeonato Carioca de 1995. Durante a entrevista realizada virtualmente no dia 28, ela revelou que foi lá, naquele Maracanã lotado, na companhia do irmão Cláudio, que ela viu o emblemático gol de barriga marcado por Renato Gaúcho. A emoção da torcida e a derrota do rival rubro-negro no ano do seu centenário não foram os únicos acontecimentos a deixarem esse dia especial. Ao final do

jogo, quando os jornalistas foram ao campo cobrir a comemoração do time campeão, Claudia teve certeza e afirmou, decidida, ao irmão: “eu quero ser jornalista pra fazer isso aí”.

Início da carreira de jornalista

Ainda na faculdade, carregava consigo características importantes para uma comunicadora: boa comunicação e curiosidade. Mas tem uma que Claudia considera imprescindível, principalmente, para quem está começando na profissão. “Eu consegui meu primeiro estágio sendo cara de pau” afirmou a jornalista. E foi por meio dessa falta de vergonha que o primeiro trabalho na rádio chegou. Em 2006, ainda na faculdade, a tricolor, que tinha o hábito de ouvir a Transamérica, ganhou uma promoção do programa de esportes e aproveitou a participação ao vivo para deixar clara sua vontade de trabalhar na rádio. Coincidentemente, o processo seletivo estava aberto e, no fim das contas, além do par de ingressos para o cinema, ganhou um estágio.



A rádio sempre esteve presente em sua vida e foi fundamental para a escolha da profissão

| Foto: Reprodução/Instagram

Em alguns anos de rádio, Claudia passou pela Furacão 2000 e até retornou à Transamérica, sempre na área de esportes. Mas, em 2012, precisou se afastar das rádios e do futebol para cuidar do pai, que havia adoecido por conta de um Alzheimer. Seu reencontro

com a profissão foi, justamente, junto ao time que ama. Em 2014, se juntou a um grupo de amigos para criar o Canal Fluminense, uma transmissão via rádio web sobre o clube. Em 2016, o time abraçou a ideia que, mais tarde, desencadearia na transmissão dos jogos ao vivo pela **FluTV**, canal no YouTube, a partir de 2019.

O papel do esporte no combate aos preconceitos cotidianos

Mesmo com a euforia de trabalhar com o que ama, o meio do jornalismo esportivo ainda é muito sexista e limitador. Claudia destaca que é inaceitável continuar passando por situações de machismo em pleno 2020 e que a postura dos líderes de Estado influenciam muito no que as pessoas falam e pensam. “Tem muita gente que atura a gente (mulheres), mas não respeita”, afirma a jornalista. Ela ainda alerta para o papel fundamental dos clubes de futebol no combate aos preconceitos, como a homofobia e o racismo. “Todos os clubes, todo mundo que tem voz tem que aproveitar esse espaço.”



Hoje, Claudia trabalha como repórter do canal do Fluminense e na transmissão ao vivo dos jogos |

Foto: Arquivo pessoal

“É fundamental como o futebol atinge todo mundo.

É importante que a gente use o futebol

como agente transformador”

Claudia alerta para a função social do futebol. Para ela, quando um clube que tem visibilidade fala sobre assuntos considerados tabus, faz com que outras pessoas também se questionem sobre a importância daquela causa. “É fundamental como o futebol atinge todo mundo. É importante que a gente use o futebol como agente transformador”, declara. A

jornalista atenta, ainda, para termos pejorativos usados nas arquibancadas. O Fluminense, por exemplo, foi apelidado pelos torcedores de outros times de Fluminense, que faz alusão agressiva aos homossexuais. Claudia é a favor do ditado “rivais sim, inimigos não” e da paz no esporte, conceito pouco praticado entre as torcidas.

A jornalista exalta o papel essencial dos clubes de futebol com as escolinhas e os cuidados que são dados aos meninos que chegam de longe buscando oportunidade no esporte. Ela reconhece o bom trabalho do Fluminense com a campanha DNA Tricolor, que investe na saúde e bem estar dos *moleques de Xerém*, como são chamados os meninos da base do clube. Geralmente, eles são responsáveis pelo sustento e perspectiva de futuro de suas famílias.



Claudia e o meia Nenê, na produção de conteúdo para a FluTV | Foto: Arquivo Pessoal

“Nós por nós”: trabalho voluntário por amor e esperança

Além de trabalhar na comunicação do Fluminense, a tricolor é voluntária no projeto **Voz das Comunidades**, um jornal comunitário e independente do Rio de Janeiro, que visa a produzir informação de qualidade sobre as favelas. Sua principal motivação é fazer a diferença nas vidas das pessoas, seja por meio da distribuição de cestas básicas e livros, por exemplo, ou pelo afeto e atenção. Claudia não vê sua posição de privilégio como um fator que a impeça de fazer esforços por quem não teve as mesmas oportunidades. “Não é porque eu não passei por determinadas situações, que o meu vizinho não passou. É importante a gente sair da nossa bolha”, afirma.

A jornalista voluntária relembra os dez anos da ocupação do Complexo do Alemão pelas Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) e reitera a importância de, para além da segurança, o governo prover cultura, lazer e educação às favelas. Por isso, o Voz, como a jornalista chama, promoveu, em novembro, uma campanha de doação de, aproximadamente, 10 mil livros às crianças do Alemão. Ela enxerga isso como uma “ocupação cultural” dessa favela, que sofre diariamente com invasões, trocas de tiros e mortes de pessoas inocentes. Claudia se vê indignada com a criminalização dos moradores de comunidades e afirma: “Favela é lugar de potência. O favelado não é conivente com o crime, ele é convivente”.



O Voz das comunidades cobre inúmeras favelas no Rio de Janeiro e promove projetos que visem ao bem estar dos moradores | Foto: Arquivo pessoal

Claudia ainda não se enxerga como uma inspiração para futuras jornalistas de origens humildes, mas reconhece o impacto que o trabalho voluntário tem. A jornalista também fala da importância de dar oportunidades a quem vem de espaços marginalizados. “Eu fico muito triste com pessoas qualificadas, da periferia e das favelas, que perdem oportunidades por conta do preconceito de quem está do outro lado.”

**“Favela é lugar de potência.
O favelado não é conivente com o crime,
ele é convivente.”**

A jornalista de Olaria acredita no impacto que as áreas periféricas têm nas mudanças sociais. Além de potência, a tricolor vê poder nessas pessoas marginalizadas. Ela acredita que a cidade deve pertencer e ser ocupada por todos da mesma maneira e que o Estado deve oferecer oportunidades igualitárias para que isso aconteça. Hoje, trabalha para que meninas, como aquela que viu o gol de barriga ao vivo, não desistam dos seus sonhos. Seja pelo esporte ou pelo jornalismo, Claudia afirma: “a gente tem condições de alcançar”.